

CEDI - P. I. B.
DATA 27/10/88
COD. 51D00138

CADERNOS

MISSIONÁRIOS

2

NOVEMBRO - 1984



RUMO A UM NOVO TIPO DE EDUCAÇÃO

(uma experiência missionária entre os SHUAR)

INSPETORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA

Boulevard Álvaro Maia, 1253 - C.P. 427

69010 - M A N A U S - AM

A P R E S E N T A Ç Ã O

Tudo quanto vem exposto neste caderno sirva, para nós missionários do Rio Negro, de objeto de reflexão, meditação e propósito.

Começando sua atividade missionária entre os índios SHUAR (então chamados "jivaros") da Amazônia equatoriana na mesma época em que nós iniciamos a nossa no Rio Negro, em circunstâncias históricas, geográficas e sócio-culturais semelhamtíssimas às nossas e com métodos idênticos aos que estamos usando até hoje, os Salesianos do Equador não permaneceram aferrados a esquemas do passado, mas evoluíram para o que aí está exposto.

Várias perguntas pode sugerir a leitura atenta deste caderno:

● 1ª - Esforçamo-nos para que exista uma Associação estável de Tuxauas ou de líderes indígenas nas comunidades do Rio Negro e afluentes, estimulados quiçá por nós, mas dirigidas por eles? Em que os interesses e necessidades da população indígena sejam amplamente abordados, e as soluções sejam tomadas a partir destes? Onde as eventuais divisões sejam superadas por uma crescente consciência da necessidade de união para lograr os objetivos comuns, entre os quais o da própria sobrevivência como povo?

● 2ª - No campo pastoral e promocional, persistimos em esforços individuais e localizados em favor dos indígenas, ou evoluímos para um trabalho de conjunto com os indígenas, em que eles, através de seus legítimos representantes, participem ativamente do planejamento e das decisões?

● 3ª - Como fazer, para evoluir de métodos educacionais de décadas passadas para outros que respondam às necessidades atuais das populações do Rio Negro?

● 4ª - O MEB (Movimento de Educação de Base), criado pela CNBB desde 1961, com seu estilo de educação evangelizadora e suas escolas radiofônicas, continua ainda hoje suas atividades em muitas dioceses e prelazias do Norte, Nordeste e Centro do Brasil.

Algumas delas, muito próximas de nós, como as de Tefê, Coari, Parintins e Santarém.

Não deveríamos trabalhar para implantá-lo também entre nós?

o0o0o0o0o0o0o0o0o0o0o0o0o

A presente exposição é um resumo e adaptação de vários capítulos esparsos nos seguintes opúsculos editados pelo Centro de Documentação e Pesquisa Missionária (Missão Salesiana de Sucúa, província de Morona Santiago, Equador):

- * "Mundo Shuar", Série B, nº 1: R. Mashinkiyash - "LA EDUCACIÓN ENTRE LOS SHUAR".
- * "Mundo Shuar", Série B, nº 10: A. Germani - "LA EDUCACIÓN RADIOFÓNICA BICULTURAL".
- * "Mundo Shuar", Série B, nº 14: J. Zallez - "ORGANIZARSE O SUCUMBIR: LA FEDERACIÓN SHUAR".
- * "Mundo Shuar", Série B, nº 15: J. Merino - "UNA EDUCACIÓN SHUAR".

As informações mais recentes (referentes a 1981) são tiradas do RELATÓRIO do Pe. Juan Shutka, no 1º Encontro Latino-Americano de Missões Salesianas, Quito, outubro de 1981. Estavam presentes 54 participantes, entre Inspetores e missionários. Representaram o Brasil, P. Angelo Venturilli (Mato Grosso) e P. Walter Ivan de Azevedo (Amazônia).

A região ocupada pelos SHUAR situa-se na parte oriental do Equador, entre os rios Pastaza (ao N), Morona (a L), Mañón (= Amazonas, ao S) e a cordilheira dos Andes (a O).

Coberta de exuberante floresta em toda a sua extensão, extremamente úmida, chuvosa e quente, é a Amazônia equatoriana.

A selva densa, a abundância de rios encachoeirados, a ausência de vias de comunicação foram no passado e ainda são fatores que sempre obstacularam o intento oficial de conquista e colonização.

Ali vive, desde tempos mui remotos, o indomito e vigoroso povo Shuar, cujo idioma é classificado entre os do grupo linguístico Aruak, (tal como os nossos Tarianos do Uaupés e os Baniwa do Içana).



PRESENÇA SALESIANA NA
AMAZÔNIA EQUATORIANA

(VICARIATO DE MENDEZ)



2 OS SALESIANOS NA AMAZÔNIA EQUATORIANA

"Nas províncias amazônicas do Equador, a história recente da maioria dos povos indígenas e da sua educação está ligada à presença dos missionários salesianos".

Chegados ao Equador em 1888, expulsos de lá em 1895 pelo governo anticlerical, retornaram em 1914, após a queda do mesmo governo. Aí começaram a se organizar as Missões na selva amazônica. Já em épocas anteriores, porém, missionários dominicanos e jesuítas haviam percorrido aquelas regiões.

No ano de 1924 foi fundado o primeiro internato em Macas. Seu objetivo, segundo a mentalidade da época, era o de "resgatar os meninos de seu estado ignorante e selvagem mediante o aprendizado do castelhano e dos novos costumes da civilização".

A década de '30 se caracterizou pelo difundir-se das primeiras escolinhas missionárias no interior.

A década de '40 pelo que se pode denominar "oficialização escolar", pois em 1944 celebrou-se um contrato com o Estado, pelo qual se consagrou o termo "Escuelas Fiscomisionales" que significa: regidas por missionários e pagas pelo Estado.

A década de '50 foi a da "expansão escolar": fundado em Macas o Colégio Normal Dom Bosco, os professores indígenas e não indígenas que lá se formavam tornaram possível a difusão de muitas escolinhas rurais pelo interior com professorado autóctone. Ao lado desse fato positivo, assinala-se também o de que uma quantidade de jovens, não tendo outro "status" a almejar senão o de professor e outra opção a fazer senão a de estudar, engrossaram as fileiras do magistério rural, com ou sem vocação para isso.

Organizaram-se Ciclos Básicos (ginásios) sucessivamente em Limón, Gualaquiza, Méndez, Sucúa. O Colégio de Macas começou a formar bacharéis em Ciência da Educação.

3 NECESSIDADE DE UMA EDUCAÇÃO ADEQUADA

Todo esse esforço produziu o resultado altamente positivo de que o Shuar aprendeu a ler, escrever, contar; tornou-se apto a se relacionar com o branco e a não se deixar enganar por ele, a julgar os próprios fatos culturais e os alheios e a orientar-se nas novas situações de seu povo.

Alguns indígenas continuaram seus estudos em cursos superiores; outros chegaram e chegam ainda às Univeridades.

Diversos deles tiveram bom aprendizado de carpintaria, mecânica, agropecuária. Pequenos povoados foram-se formando em torno das Missões, que deram origem às atuais povoações de Sevilha Dom Bosco, Bomboiza, Taisha e muitas outras.

Há também resultados negativos. Lê-se em um dos opúsculos citados: "A ação sistemática da educação através de internatos, produziu gretas profundas na cultura Shuar. O ex-interno vê no colono branco o protótipo de ideal que tem de alcançar e reage contra a própria cultura". E em outro ponto: "Convém pôr em relevo esse tremendo complexo de inferioridade engendrado pela educação de tipo estatal, que produziu índios 'genéricos', desejosos de sair de sua própria terra, envergonhados de sua cultura, prontos a renegar totalmente seus costumes".

"Esse complexo se manifesta sobretudo como IMITAÇÃO DO BRANCO SEM CRÍTICA. O nativo chega a defender essa posição de imitação, porque lhe parece a única solução ao problema da vida, e tudo o que o ajuda a copiar melhor, se lhe faz indispensável, inclusive os vícios do homem branco".



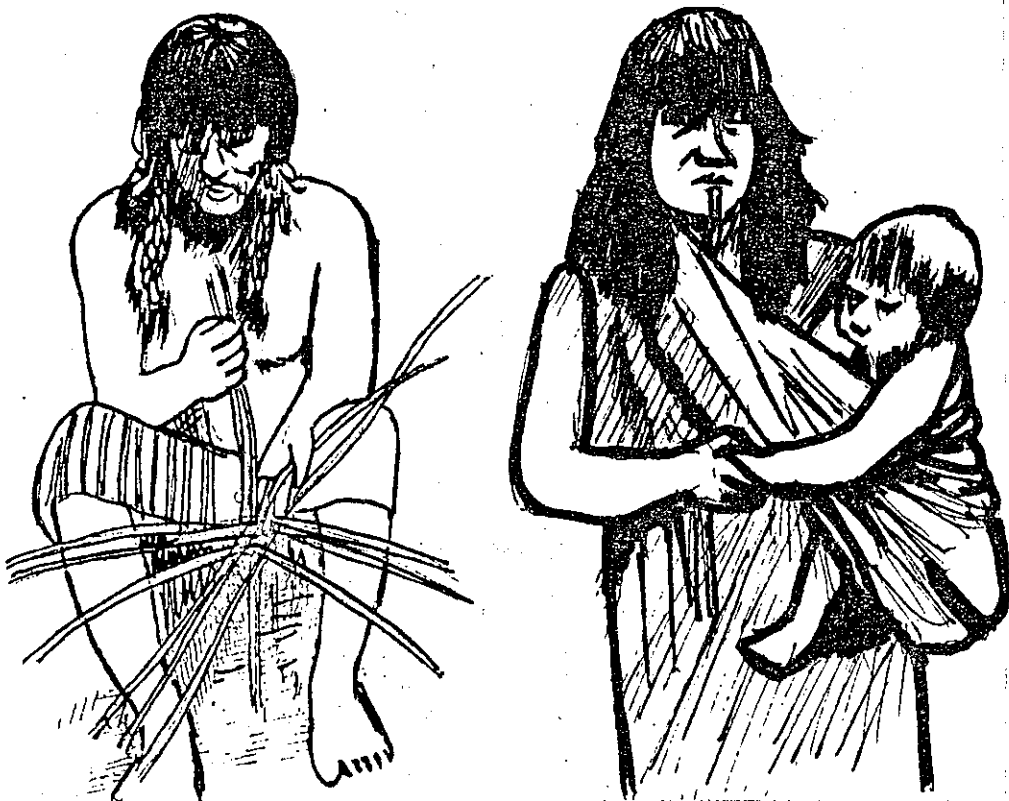
Escreve Rafael Mashinkiash, da comunidade de Sevilha Dom Bosco (1972):

"O contacto com o colono que sistematicamente depreciou tudo o que é shuar como atrasado, selvagem e bárbaro, e exalta tudo o que é próprio como civilizado e perfeito, levou a muitos pais de família a um complexo cultural: querem imitar cegamente aos colonos e depreciam os grandes valores tradicionais pelo simples fato de que vêm dos Shuar. O problema educacional se agrava, quando esse complexo atinge aos próprios professores indígenas. O professor Shuar complexado fala aos seus alunos em castelhano, mesmo quando está na frente de meninos que só entendem a língua Shuar; não adapta seus métodos e programas aos costumes e necessidades de seu povo e desterra sistematicamente do ensino tudo o que pertence aos Shuar. Um professor complexado jamais educará seus alunos; será tremendamente legalista, desatado, e exigirá de seus alunos uma série de formulismos inúteis, os humilhará com frequência para ostentar sua superioridade e transmitirá ao povo os seus complexos, levando-o à ruína".



José Marino, nascido e vivido em Macas, escreve (1979): "A educação é um direito fundamental de toda pessoa e fato primordial para o progresso de um povo. Porém, a educação não pode ser cópia servil de planos e programas importados, que nada têm de ver com a realidade indígena equatoriana. Deve, ao invés, ser instrumento para salvar a identidade de um grupo humano diferenciado; um fator que o ajude a fortalecer-se com uma nova visão de 'integração nacional'. Integração baseada não mais na assimilação desse grupo humano pela cultura dominante, mas sim num sadio pluralismo em que diferentes culturas e grupos étnicos, EM UM PLANO DE IGUALDADE DE DIREITOS, busquem e consigam a solução de seus problemas.

Infelizmente, porém, é necessário assinalar em nossa cultura dominante de 'brancos' etnocentristas, um grande desrespeito aos valores culturais indígenas. Mesmo os que dizem respeitá-los, muitas vezes os utilizam apenas para um exibicionismo folclórico, através do qual o pobre indígena acaba sendo usado como simples objeto de curiosidade para as autoridades que esporadicamente visitam uma Missão."



Além disso "não se conseguia nos internatos frear um êxodo ou desistência marcantes; em 1972 se calculou que de cada 100 alunos ingressados na 1ª Série dos internatos, apenas 21 chegavam a terminar a 6ª Série; destes, mais da metade regressava às suas casas desadapitados, produtos que eram de uma educação completamente separada de sua família e de seu 'habitat', e deviam sofrer um penoso processo de readaptação ao próprio ambiente".

"Os que não suportavam esse fato cultural, escapavam de casa para refugiar-se junto ao branco na qualidade de vaqueiros ou trabalhadores de baixa qualidade, e ínfimos salários".

Agravou-se a situação a partir de 1978: "Os dez internatos que até 1972 se tinham mantido, se viram reduzidos em número de alunos e capacidade física, já que a lêem do problema cultural acima exposto, surgiram outros, como o da subsistência, pois a subvenção estatal não dava nem para uma refeição diária!!!".

Foi quando a Missão, de acordo com a Federação Shuar então já existente e atuante, resolveu MUDAR O SISTEMA DE ENSINO, com o fim de que o menino Shuar, mais em contacto com sua família, sua casa, seu idioma nativo, seu ambiente cultural e físico, se preparasse, através de uma FORMAÇÃO BICULTURAL, a ser útil aos seu próprio povo e à Pátria e a influir na grandeza de ambos!



QUÉ ES

LA FEDERACIÓN...

Es la voz, el alma, el cuerpo de 17 mil personas: niños, hombres, mujeres. 17 mil individuos, 17 mil ecuatorianos, 17 mil Shuar, ya..... los "jibaritos" como nos llaman algunos por desprecio, por paternalismo, por costumbre.

La Federación es cada uno de los Shuar que del

Esto es la Federación; somos todos los Shuar del Oriente, que a un cierto punto de nuestra vida hemos comprendido, nos hemos dado cuenta de que la única forma para poder sobrevivir era unirnos todos; unirnos para no ser borrados de los mapas como ya pasó y está pasando



4

COMO NASCEU A FEDERAÇÃO SHUAR

Escrevia um jornalista equatoriano em 1978: "Somos favoráveis à construção de novas estradas e vias de comunicação, que enlacen rapidamente a região oriental amazônica com o resto do país. Porém tememos que o Governo federal, com a pressa de povoar esses rincões, entregue suas terras à devastação de companhias multinacionais que, de pois de uma implacável depredação de bosques e madeiras, converterão essas zonas em grandes savanas desoladas. Além disso, fazer afluir para as terras amazônicas o excedente demográfico da Serra (= a cordilheira dos Andes!), sem ao mesmo tempo empreender uma verdadeira REFORMA AGRÁRIA, só tem produzido fracassos. É essa, infelizmente a política colonialista desenvolvida pelo CREA (uma espécie de INCRA equatoriano). Essa experiência nos põe em alerta ante qualquer arroubo colonizante".

O grupo Shuar, acossado pelo avanço colonizador indiscriminado e por uma educação oficial alienante, foi perdendo cada vez mais sua identidade de grupo e a própria alegria de viver.

Que restava fazer senão UNIR-SE para defender o próprio patrimônio material e cultural e se fazer respeitar como grupo humano? E para salvar os mais caros e autênticos valores de um povo que tem o direito de subsistir como tal.

Assim, nasceu a idéia da FEDERAÇÃO DOS CENTROS SHUAR: que não é senão a expressão desse anelo.

▶ 4.1. INÍCIOS E DESENVOLVIMENTO DA FEDERAÇÃO SHUAR:

"A idéia veio durante um curso de liderança para dirigentes Shuar, realizado em setembro de 1961: o Pe. Juan Shutka e mais alguns missionários salesianos com ele, juntamente com 23 dirigentes Shuar, fundaram o primeiro Centro Shuar que, depois de elaborar um regulamento, deu origem aos Estatutos da Associação Shuar de Sucúa. Aprove

dos os Estatutos em 1962 pelo Governo federal, a Associação adquiriu personalidade jurídica.

O exemplo se propagou.

Nos meses sucessivos foram sendo criadas as Associações de Limón, Mendez, Bomboíza, Chinguiza, Sevilha, Dom Bosco, Yaupi. Delas mesmas partiu a idéia de unir-se numa Federação. Estimuladas pelo Prelado do Vicariato de Mendez, Mons. José Felix Pintado e pelo Inspetor salesiano Pe. Aurélio Pischedda, reuniram-se em janeiro de '64 em Sucúa para a primeira Assembléia Provincial de dirigentes Shuar. Nela, 52 delegados Shuar dos 53 Centros então já existentes (cada Associação é composta de vários Centros), decidiram "constituir-se em Federação e auto-reger-se".

Os Estatutos da Federação foram aprovados pelo Governo em fevereiro do mesmo ano. A Assembléia elegeu a primeira Diretoria, composta de 10 membros Shuar e um Assessor religioso, que foi o P. Juan Shutka.

De 9 Centros em 1961 e 52 em 1964, a Federação passou a contar em 1977 (data da publicação de "Mundo Shuar", Série B, nº 14, de onde tiramos estas notas), 154 Centros agrupados em 13 Associações e um número total de 20.000 sócios, quase a totalidade dos índios do Vicariato. Uma informação do Pe. Shutka em 1981, fala de 212 Centros, a maioria no Vicariato de Mendez a cargo dos salesianos, e outros a cargo dos Franciscanos e Dominicanos, atingindo assim quase 90% de toda a população Shuar.

▶ 4.2. OBJETIVOS E ATIVIDADES DA FEDERAÇÃO SHUAR

São, segundo os Estatutos:

1. "Dirigir os esforços das Associações e dos Centros Shuar, mediante um TRABALHO CONJUNTO, para a superação e conômica, social, moral e cultural de seus integrantes.

2. Assumir o planejamento e execução dos projetos de habitação e colonização, que até então eram assumidos unicamente pelo Estado, colaborando com tudo quanto o Estado ou outras instituições fazem de positivo nesse ramo."

Desse modo a Federação, como UNIÃO de todas as Associações de Shuar no país, assume o encargo de orientar-se para a AUTODETERMINAÇÃO, não política, mas social, econô

mica e cultural do próprio povo indígena, segundo um NOVO conceito de integração em que todos os grupos humanos do país, em igualdade de direitos e mútuo intercâmbio de valores culturais, contribuem para o progresso comum.

Mentalizada pela sua Emissora radiofônica, a Federação Shuar promove desde os inícios a:

- Legalização das terras Shuar (já feita em 38 Centros!)
- Obtenção de personalidade jurídica para as Cooperativas Agro-Pecuarias (em 1978, 52 delas já a haviam obtido).
- Reinscrição da população Shuar no Registro Civil.
- Programas de infraestrutura: construções de pontes, estradas...
- Programas de Saúde: cursos de enfermagem, campanhas de vacinação, mensagens pelo rádio, publicações populares.
- Programa madeireiro (em que a exploração racional e não indiscriminada e vandálica da madeira aproveita ao POVO SHUAR, e não às Companhias de fora).
- Programas de Formação. Cursos para:
 - Dirigentes da Federação e de Associações
 - Promotores de Agropecuária
 - Tesoureiros e Secretários para os Centros
 - Tele-educadores e Monitores
 - Ministérios religiosos
 - Administração
 - Contabilidade
 - Cooperativismo
 - Saúde
 - Veterinária
 - Agronomia
 - Pedagogia etc...

Até 1974, tinham-se formado por esses cursos, 41 professores, 4 bacharéis agrônomos, 2 bacharéis em Comércio e Administração e 2 técnicos agrônomos.

► 4.3. **ESTRUTURA DA FEDERAÇÃO SHUAR**

Reúnem-se anualmente em Assembléia Geral UM Delegado de cada um dos 212 Centros, mais, TRÊS representantes de cada Associação, com seus respectivos Assessores religiosos. A Assembléia nomeia, por dois anos, a Diretoria da Federação, composta de 1 Presidente, 1 Vice, 1 Secretário, 1 Tesoureiro, 1 Assessor religioso e 6 Vogais.

A Diretoria, por sua vez, cria 6 Comissões, cada uma encabeçada por um Vogal:

- a) Comissão de Trabalho e Artesanato (mercado, habitações, oficinas)
- b) Comissão de Arbitragem e Colonização (relações entre Federação e autoridades e Governo, contratos, disputas, reivindicações).
- c) Comissão de Cooperativismo e Armazém (cooperativas, preços, movimento de armazém)
- d) Comissão de Educação e Cultura (cursos, becas, esportes, escolas, Associações Juvenis).
Obs: quanto às becas, vide mais adiante.
- e) Comissão de Saúde (Formação de visitantes sociais e promotores de Saúde, Higiene e Habitação).
- f) Comissão de Comunicação Social (difusão das idéias de Federação, Emissora e Escolas Radiofônicas, publicações didáticas e culturais, periódicos em língua castelhana e Shuar).

5 UM NOVO TIPO DE EDUCAÇÃO

"Tudo muda. Não podemos pretender que uma cultura permaneça fechada e estática. Seria anti-histórico. Porém, essa mudança tem de ser na medida em que os componentes de um grupo humano vão encontrando soluções às novas exigências, segundo os próprios padrões de vida.

Uma cultura, frente a outra mais forte, tem de evoluir. Não, porém, COPIANDO, pois seria perder sua identidade;

mas sim, SELECIONANDO o que, segundo ela, é bom e ADAPTANDO-O ao próprio ambiente.

Refugiar-se no mais recôndito da selva para evitar todo e qualquer vestígio de contacto com os brancos, é utópico e contrário à própria liberdade do indígena de ir para onde quiser. Esperar com resignação um contacto inevitável, indiscriminado e avassalador, é derrotismo que não pode ser admitido nem pelo Shuar, nem pelo missionário.

Que fazer então? Há uma terceira opção: EMPREENDER UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO, de revalorização da cultura, não copiando o passado que o Shuar não mais deseja, mas USANDO A SERVIÇO DA CULTURA SHUAR TODOS OS MEIOS MODERNOS AO ALCANCE, aqueles mesmos meios que comumente se usam para impor a cultura dominante.

Isso, só se consegue se o Shuar for chamado a ser PROTAGONISTA DO SEU PRÓPRIO DESTINO e tiver educação em suas mãos.

Foi o que se procurou atingir criando as ESCOLAS RADIOFÔNICAS SHUAR.

6 A EMISSORA

"A Rádio Federação Shuar é uma emissora CULTURAL a serviço da Federação Shuar, da educação, dos interesses do povo indígena e da Pátria". Iniciou suas transmissões em janeiro de 1968 com um equipamento de 1 Kw de potência. Desde 1977 possui dois transmissores de 5 Kw e um de 10, que emitem, em duas faixas, programas em Shuar e castelhano e, ocasionalmente em quichua. Além de programas



noticiosos e de música (música Shuar, nacional e internacional), se encarrega dos programas de educação bilingüe e bicultural para escolas do 1º grau.

7 AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS

7.1. ORIGEM e DESENVOLVIMENTO

Iniciaram-se em 1972, com 4 Tele-educadores e com 1 Monitor, em cada um dos 31 Centros Shuar que adotaram o sistema. Naquele ano, foram atingidos 506 alunos, todos da 1ª Série elementar.

Em 1978 já transmitiam seu programa de ensino a TODAS as seis Séries do curso primário, com 245 Monitores e 3.086 alunos matriculados. Cinco Supervisores, um Assessor e um Coordenador garantiam a eficiência do trabalho de Monitores e Tele-educadores.

Em 1978 começou-se a implantar também o Curso para Ciclo Básico (= ginásio) e a Extensão cultural (para adultos).

Em 1981 o programa já funcionava em 164 Centros, com 8 Tele-educadores, 12 Supervisores, 315 Monitores e 3.680 alunos do curso primário, 328 de ginásio e 1004 adultos, graças a um convênio com o MEC equatoriano que reconhece oficialmente o Sistema de Educação Shuar.

Desta maneira, conseguiu-se cortar pela raiz o analfabetismo no grupo, e deu-se à comunidade indígena um novo meio importante de educação e desenvolvimento, que atinge um número muito maior de escolares (também adultos), SEM TER DE TIRÁ-LOS DE SEU AMBIENTE FAMILIAR.

7.2. VANTAGENS DESSE SISTEMA

a). Graças aos 315 Monitores e aos Tele-educadores,

"ellos mismos, los Shuar, hacen la educación de su pueblo",

b) é muito maior o número de alunos atingidos.

c) é muito menor o custo por aluno, pois a quase totalidade permanece na sua povoação de origem.

d) é baixa a percentagem de desistências (nas escolas diretas, a deserção de alunos e professores continua fremente).

e) opera-se uma sistematização do ensino, unificado de escola para escola. O aluno que passa de uma povoação para outra, encontra o mesmo programa.

f) o horário respeita os costumes Shuar quanto aos momentos de refeição, roça, festas etc...

g) não há praticamente problemas disciplinares.

h) o internato tornou-se assim uma estrutura educativa de suplência, dando-se prioridade à educação familiar, escolar, rural e paroquial. Em 1966 eram 20 os internatos, com 1.880 alunos, o que exigia a presença de grande número de Salesianos. Impedidos por isso de visitar as povoações para um trabalho pastoral. Hoje, além de todo o programa educacional a cargo dos Tele-educadores, um único salesiano se encarrega de 20 minutos DIÁRIOS de evangelização pelo rádio, a qual chega também às famílias dos alunos, elevando assim para 5.000 o número de ouvintes do programa.

A maioria dos outros missionários liberada para o serviço paroquial e para a itinerância se empenha no objetivo de "constituir Comunidades Eclesiais de Base locais". (Cfr. o DIRETÓRIO PASTORAL SHUAR, elaborado desde 1969, e promulgado em 1975).

i) utiliza-se o IDIOMA SHUAR, não como mero trampolim para o castelhano, mas como meio de expressão ordinário. Assim cria a possibilidade para uma Literatura Shuar. A língua é a alma de um povo. E língua, sem literatura correspondente, se extingue!

j) finalmente, tem havido alto nível de aceitação para esse sistema, por parte dos próprios indígenas, como o número de alunos atesta.

▶ 7.3. OBTENÇÃO DE RECURSOS

Conseguem-se através do Ministério Nacional de Educação, da Missão Salesiana, do auxílio por parte de organizações nacionais e estrangeiras e, sobretudo, a própria Comunidade Shuar, conscientizada, contribui.

▶ 7.4. COMO SE ORGANIZAM AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS:

a) Tele-comunicação não é um "ensino à distância", impessoal, em que desaparecem fisicamente o professor e o aluno. É um novo processo de comunicação, onde intervêm:

* um EMISSOR da mensagem: o Tele-educador (pelo rádio)

* e um RECEPTOR ou destinatário do programa: os alunos são guiados pelo monitor local.

A ação dos monitores e, portanto, a sua preparação cuidadosa, são, em definitivo, o que garante o êxito do sistema.

b) Como se conduzem planos e programas: a educação pelas Escolas Radiofônicas cumpre fielmente os Planos determinados pelo Ministério de Educação, porém, na medida em que se adaptam às condições geográficas e culturais e as necessidades do povo em questão.

c) Como se elaboram os textos: já existem (1977) para a escola primária Shuar os seguintes textos:

* "SHUAR ANTUKTA" nº 1 e nº 2: Cartilha Shuar.

* "SHUAR ANTUKTUA" nº 3: Estudos sociais a partir dos conteúdos fundamentais da área.

* "NEKAPMARU NAKURUTAI" nº 1 e nº 2: Textos de Matemática.

Os exemplos escritos e os desenhos se tomam em base a coisas do ambiente que rodeia o menino Shuar, tais como potes de barro, plantas, peixes, aves, animais domésticos, etc.

* CIÊNCIAS NATURAIS (escrito em castelhano). Como os outros textos, seus temas são adaptados ao meio que rodeia o Shuar.

* FORMAÇÃO ESTÉTICA E TRABALHOS PRÁTICOS: ênfase ao artesanato Shuar.

* EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE E EDUCAÇÃO SOCIAL E CÍVICA: os textos seguem basicamente o programa oficial.



d) Como se faz a Avaliação: o Monitor envia os diários de classe e o resultado das provas mensais ao Tele-educador e aos Supervisores que, em base ao grau de inteligência demonstrado por elas, corrigem e aperfeiçoam o próprio modo de ensinar e de se comunicar.

Além disso, há visitas periódicas dos Supervisores às povoações onde há um Monitor. Em alguns lugares, e criou-se um Comitê de Pais de Família que auxilia o Monitor no acompanhamento dos alunos e no seu aproveitamento.

e) Extensão cultural: o grande índice de analfabetismo e a deserção que se verificava nos vários níveis de ensino nas escolas tradicionais, levou à instituição, para os adultos, de um tipo de educação pelo rádio, chamada "Extensão Cultural", sob o lema de: "O que sabes não o guardes para ti somente; ensina-o ao teu irmão".

8 CONCLUSÃO

f) Becas: A Federação Shuar se encarrega de fornecer um número notável de becas (37, até 1974) para os cursos Superiores e a Universidade, conscientizando os candidatos a que, uma vez promovidos, ajudem a promover a seus irmãos.

O P. Juan Shutka, no Encóntro Latino-Americano sobre as Missões Salesianas (Quito, outubro de 1981) afirmou:

"Há anos, alguém perguntava: ante a a valanche da colonização e da chamada "civilização", o povo Shuar poderá sobreviver como povo, ou tudo isso é apenas o prolongamento de uma agonia?
- Mesmo que fosse isso, vale a pena prolongar a vida - foi a resposta!

Porém, hoje, depois de 20 anos de trabalho, vemos no processo adotado uma resposta total, positiva e esperançosa aos aspectos da vida do povo Shuar e de todo o povo".



to a la religión (no conoce ninguna), son tantas como tan variadas y bárbaras sus supersticiones y se hallan tan aferrados a ellas, viven tan mancomunados y proceden tan de acuerdo en todas sus extraviadas determinaciones, que, a no ser por un gran milagro de la Providencia Divina, no creo llegue a convertirse ni uno, grande o chico. Hablo después de tres siglos de experiencia ajena y más de cuatro años de propia" ³².

Esta sensación de total impotencia y esterilidad hizo que los franciscanos levaran sus tiendas de Zamora el 1º de enero de 1895. El 21 de mayo del mismo año el Ministro General de la Orden, Fray Luis de Parma, escribió al Superior de Zamora:

"He recibido la suya del 25 de abril próximo pasado y quedo enterado de cuanto me dice en ella respecto a la misión de Zamora y de la dificultad, por no decir imposibilidad, de convertir a aquellos salvajes que nada quieren saber de Dios y del alma. Siguiendo así las cosas, no me atrevo obligar a V.P. ni a sus compañeros que vuelvan o sigan en aquella estéril misión" ³³.

Los salesianos fueron los últimos en entrar a las misiones orientales (Gualaquiza 1893-4). En aquella época las informaciones sobre la región eran aún sumamente escasas ³⁴, pero los primeros misioneros no entraron tan desprevenidos como para desconocer los fracasos de cuantos los habían precedido. Como Congregación recién fundada, que estaba además estrenándose en campo misionero, ellos comenzaron con muchos particulares, pero el tono de sus informes decayó pronto. La revolución liberal de Alfaro, los sorprendió en la fase del asentamiento y les dio un golpe durísimo, tanto más que todos los demás salesianos fueron bruscamente alejados del Ecuador. Sólo los de Gualaquiza se quedaron, pero las dificultades fueron poco a poco tan insuperables que en 1912 los Misioneros abandonaron el campo, aunque sólo por poco tiempo. Agotado el Padre Spinelli, que había sido el pionero de los misioneros del Vicariato, escribía al Inspector de Lima, en un informe muy reservado:

"Con tantos años que los misioneros trabajan en medio de ellos, se puede decir que ya es un siglo ³⁵ y no se ve mucha cosa. ¿Será que les ha caído alguna maldición? ¿No sería mejor ir con las tiendas a otras partes, sacudiendo el polvo de nuestros calzados? Piénselo bien nuestros Superiores y no sigan sacrificando al personal" ³⁶.

Este documento sin fecha pero probablemente poco posterior, analiza "los dos motivos principales del poco desarrollo de la Misión entre los Jívaros de Méndez y Gualaquiza".

El primero sería la misma naturaleza de los Jívaros.

"Entre todas las tribus del Ecuador, la de los Jívaros ha sido siempre la más indomable y refractaria a la civilización. Su manera de vivir no en centros y poblaciones, sino en familias regadas en la floresta y a lo largo de los ríos a una

BOTTASSO, J., Los Shuar y las Misiones, Quito, 1982, p.21